

Acabados meus prazeres inocentes, permaneço emocionado, respiro seu ar, ela é meu vício, seu olhar voa até minha manhã em suas insinuações, ela instala no meu futuro um consolo pra meu arsenal de recursos.

Entraste na minha vida esperando albergue, fui companheiro dos teus silêncios doces e indecisos, uma imprevista timidez que circulava na nossa intimidade misturada às horas de falar e de calar. Pensávamos então que isso era o suficiente, que isto alcançava e sobrava como plano para o resto da vida. Viajando nessas nuvens saímos carregando nossas raízes enredadas no labirinto e às vezes disfrutando do paraíso.

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar nossa história.

Se eu soubesse o tempo das esperas, o valor do tempo, o volume de água e de todos perecíveis, da importância de todos os bons-dias, todas as boas-noites, e no dia-a-dia as ofertas de um pouco de si. Nessa troca lúdica eu absorveria o todo para repartir em pedaços as várias carências colecionadas e a surpresa em ver-nos satisfeitos.

Renuncio as miragens. Nutrido de vida promovo uma imitação, fascinado, ocupando um lugar inspirado, dou prosseguimento; escrevo cartas de amor.

Não costumo ouvir outras queixas que não sejam a céu aberto. Projetar vícios no alheio é intervir contra alguém dando permissão às sombras, ouvir murmúrios confunde.

Companheira de minha alma. Faço-te meu melhor agasalho. Desvendo-te autora, tal as evidências do amor que renasce. Invento versos para ver como ficam teus olhos, se com eles choras ou vês caminhos que aceites para ser feliz. Minha declaração de amor me concede o benefício do sonho. A natureza me liga a ti de uma forma primitiva. Que tamanho deverá ter meu coração para ser capaz de traduzir-me em palavras escritas?

Tenho tanta memória que não cabe dentro de mim, delego, alugo espaço na história dos amigos. Feito amante sensato, escolho o santo, a promessa e a pessoa em quem verter

meus desejos achados e pedidos. Essas declarações em mãos do receptor certo ou equivocado me criam e perpetuam incertezas que só fazem aumentar a impaciência.

Protejo minha esperança, abrigo um estilo feito de poucas influências. Cada gesto me conforma a uma original, pretensiosa e autêntica generalização contrastando com minha mania de repetir. Produzo cuidados compostos e inovações singulares. Aposto novos estilos que me fazem entrar na vida levando em conta o elevado custo que é viver.

Apesar de tudo, uma grande vontade de ver-te, saber como anda a tua melancolia, quem adotou tuas desconfianças, tuas nunca realizadas desgraças, saber se o teu presente segue te frustrando as negativas fantasias.

Quem envia cartas de amor adquire uma vasta imaginação aglomerada, modifica o significado da descrição, reedita em palavras o ato, conta independente convidando à tentação de conhecer a voz que domina o vento, a ventania e o romance. Lançadas as descrições, aglomeram-se as previsões sobre o que o futuro testemunhará.

El amor mantiene el pan de cada día y renueva la amistad que supera lugares y dispensa otras pruebas. Tomo parte de la vida, me torno responsable por las contribuciones, comienzo versos que no siempre termino, traduzco parte de lo que siento, distribuyo lo que sobra invitando al complemento.

Uma grande aspiração ficou gravada como uma invenção impossível, descartada. Daqui por diante, ainda que fragmentada, ela transporta um notável desvendamento do que a fidelidade é capaz de promover. Alarga a crença que tenho na vida, apoia a ousadia, dá-me o direito de dizer não, exila o desalento, dá voz a minha crítica emudecida, estende a duração da minha paciência.

Falo da tua graça, que parece improvisada, falo dos meneios deste teu corpo que seduz para excitar desejos freados. És uma longa espera, inata, uma promessa que governa o belo em direção ao impossível, inventando a nostalgia.

Apresentas-te como um sonho de amor harmonioso, embora escondas tempestades. Nada em ti é previsível; longamente esperada, dás uma grande incerteza sobre teu destino e tuas escolhas.

Palavras são oportunas quando encontram vazios esperando-as, certeiras, pujates, vigorosas, ternas. Palavras são consolos quando certeiras e decisivas.

Aqueles que burlam não me alcançarão para intrometer-me nas suas ações. Um suspiro de alívio anula e torna inútil a investida da dor ofertada, cobro forças para apetecer festa e prazer. Chamo em auxílio a lembrança da linda madrugada que recebeu o teu primeiro amor. Logo ele mandará nas próximas lembranças isentando isolamentos e fugas.

O custo do escrúpulo varia de acordo com a consciência e a humanidade de cada um. Quem se habituar com sua falta fará da naturalização apoio para não sentir nada além do gozo corrupto.

As aflições que me habitam, tentam ser a razão de meu viver. Entendo-as como o motor de meus males presentes. Elas, como os conselhos, são incômodos invasivos, são cuidados postos fora de lugar, acabam sendo intromissões não solicitadas.

Uma antiga e sepultada memória guarda tudo como se fosse verdade, me explica meus delírios construindo o meu passado ao acaso, querendo reverter um adeus que deixou mistérios, um ideal que não soube suas fronteiras e como forasteiro invadiu a realidade. Viaja nos meus sonhos um fantasma de mim mesmo.

Quando a união cai em descrédito, condena-se ao fracasso, vê-se uma intenção de converter o gozo em perigo.

Vivos aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar. Sei que o bem poderá em algum lugar se danar e amofinar, fazendo-me perder. Não sei quando e onde começar a graça e onde parar a contradição. Avisarei quando fugir dessas regras compartilhadas e aceitadas. Caso contrário posso contar os pedaços que deixei pelo caminho.

Ela está ali, ela me olha, me espreita com um poder que visa me surpreender. Sua inesgotável capacidade de encantar-me rapidamente se instala e permanece em um jogo sem palavras. Fiz votos dedicados, pelo menos com o vigor com que ela sustenta sua intenção e o abalo que isso me provoca. Finge que sou seu sol, ainda que eu não a ilumine;

sorri-me como se acolhesse a ternura que lhe oferto, sei que isso é uma mentira. Perco o rumo, altero o roteiro e acabo no desconcerto, inventando um encontro.

Só me ficou uma esperança imóvel, uma anulação fora de prazo, uma viagem não realizada, uma força de vontade sem definição, um rosto anônimo, um sorriso nobre e servil, uma simples, poderosa e ocultada paciência. Tudo feito carne, osso, e nervo, nomeado para não passar em branco.

Busco uma reconciliação, ainda que provisória. Levado por implícitos motivos, justifico meus exageros a partir do que percebo, tenho razões, de sobra, tento fingir que nada sei, mas a descoberta ultrapassa o silêncio, não consigo vencer a repulsa que me causa ver-te respondendo ao olhar que não é o meu.

Para que o entusiasmo não seja atingido por tristes melancolias despedirei o rancor. Valerá a pena, na vastidão, optar pelo suporte sem desesperos.

Desbotadas as fotografias, as lápides nomeiam os mortos, com data de entrada e de saída, os que perderam a vez, cessados, desintegrados, decompostos e desobedientes. Estou descontente, um pouco sinistro, o que torna a perda real, irreversível. Descrente da eternidade, aposto com os deuses um jogo sem conhecer as regras.

Para fortificar-me contra os reveses, vivo momentos insípidos, sem emitir opinião, gemidos ou pareceres. Superar-se exige coragem, um grande desejo de restauração. Celebrarei a existência com humor renovado. Inovo o uso da sensível e rara gentileza. Guardo o autêntico entusiasmo para animar-me à vida.

Decidi renovar, atualizo motivos para não ficar muito mais tempo em silêncio. Parei de esperar respostas. Recolho as apostas, anulo aquela amada que me rouba o sono, e se me sobrar tempo para ser; voltarei a serei eu.

Havendo sobrevivido, aprendi a cair, perder pedaços com cada morto amado em vida. Sobreviver como se houvesse perdido tudo. Salvadas as lembranças, retomado o rumo, que me banhem o sol e a lua.

A tristeza me invadiu, como um cobertor curto que expõe todos os frios. Escondo-me dentro do tempo que escorreu, tempo que se esqueceu de voltar. Em silêncio não faz barulho, se aquieta obediente, se espreme em um canto qualquer, brinca de eterno, se descaracteriza chorando penas menores disfarça queimando oportunidades e deixando minhas vísceras pesadas e expostas.

Recolhido, o amor busca um interlocutor que esteja propenso a procurar alguma vantagem, um pensamento comprometido com a dor ou com a reconciliação.

Quero deixar de sonhar para encontrar na vigília algo que valha tanto quanto sonhar. Sem pretender uma substituição plena, faço válido viver sonhando, intrometo meus sonhos na realidade até confundi-los, até misturar as nítidas fronteiras. Por essa capacidade de sonhar, magnifico o presente para sustentar-me reincidente na entrega.

Vivo as coisas serenas sem saber se isso é amor, temo perder tudo por ignorar que esse temor seja o medo, choro por tudo que vivi (e que ficou sem recuperação), entendendo que isso é a saudade.

Aceito os anseios. Faz parte da minha vida a luta para que a desgraça seja um agregado secundário. Penso profundamente nos meus sentimentos. Assim, o que poderia ser sacrifício, faz-se convicção, o amor radical. Pequenos sorrisos me inspiram simpatias que reverberam. Um novo espírito inspirador me distrai da pequenez mundana. Cedo lugar à Natureza que, espontânea, se apresenta.

Preparo um tempo de comemoração, estimo a prevalência da alegria e do prazer, me integro aos consumos da vida. Reforçarei as fragilidades para que elas não se transformem em verdades, deixarei as principais respostas para depois, quando já não possa mais optar. Então, já nada será tão importante: eu, o que fiz, o que deixei de fazer, o que pretendi, o que alcancei, os propósitos, as conseqüências, os erros e os acertos, a razão e os atos. Cansei de viver no regime de consultoria permanente, falta-me tempo para revelar tudo o que deixei de fazer, devo devolver-me o terreno invadido, dar-me o direito de posse aos meus pedaços renunciados.

Quase nenhuma força inutiliza a Natureza sem o seu consentimento. Causar tristeza exige a aceitação do triste para convergirem na concordância. Corri todos os lugares, queria algo que me correspondesse, que fizesse corroborar a validade dos meus acertos. Sair do nada exige tudo, menos um tempo curto. O exílio causa danos à perseverança.

Quero de volta uma lembrança que me faça rir, que me siga contando histórias, que dilate o tamanho do meu quarto, prolongue o meu sonho, e, finalmente, aumente minha lucidez. Então, minha memória se abrirá serena, por si só; meu passado chegará parecendo como se ali estivesse estado todo o tempo, sem ruído, exatamente igual a como eu o havia esquecido há muito tempo atrás.

Havendo aberto todas as portas, parti na frente do tempo, preparei provisões, alimentei-me da ternura das fábulas de Ibn Al-Muqaffa, montei no tapete mágico, fiz de tudo para encontrar um lugar onde descansar minhas lembranças. Jamais consegui ficar insensível, sentir-me abrigado. Evitei esquecer das recomendações colhidas no meu ouvido infantil.

Cheguei atrasado. As diversas lembranças não foram capazes de se sustentar.

Convoquei minha juventude para depor sobre todas as necessidades que teve na vida, como falar das despedidas, das promessas, dos mortos. Falar com sinceridade, para ser compreendido, com a dureza do cedro e a suavidade poderosa de um conto infantil. Ficar desnudado. Mas fico sem saber o que me dizer; temendo ser punido, não confesso o que vi, finjo não me conhecer tão intimamente, simulo ser um transeunte, ao acaso.

Às vezes, me ponho a fazer um acerto com o meu passado. Tristes pensamentos esses que eu sofro quanto sinto o vazio que me habita. Minhas lembranças não escoam. Quase vejo fantasmas, me impulsiono a beijar retratos declarando amor. Devo-me um acerto com o passado, que abandonei. Quero de volta aquele tempo vivido, não para que eu recorde, porque eu não soube esquecer, mas para que ele me indique o caminho de ir e voltar, me acompanhe e me proteja.

Por motivos que ainda não identifiquei, revelam-se mais aceitáveis as memórias onde couberam provocações que me desafiavam a paciência e onde a desconfiança me convocava a ser melhor.

Estou inclinado a crer que essas recordações me provocam ecos, criam uma extraordinária e tranquila certeza. Unificam e evocam uma inspirada razão para criar a próxima memória.

Sem ti meus olhos se tornam tristes hóspedes, sem novas impressões. Minha memória acostumada, eu com o desejo anunciado. Que interesse terei diante da tua ausência? Inclino meu existir, condiciono-o a essa minha mania de te querer. Admito introduzir novas teimosias que deixem créditos.

Vem, inocente vida, para pernoitar como se eu fosse tua casa, vem, donzela, para que eu te possua. Vem sonhar abrigo, ouvir canções de ninar.